

A imagem que valeu por mil palavras

Uma adolescente cobre os olhos da irmã de 7 anos para não ver o corpo carregado num saco por policiais

Ruth de Aquino, 17/04/2025

Link: <https://oglobo.globo.com/cultura/ruth-de-aquino/coluna/2025/04/a-imagem-que-valeu-por-mil-palavras.ghtml>



A autoria é de Márcia Foletto. 'A gente comemora uma boa foto, mas não sai ileso. As cicatrizes nos marcam também' — Foto: Márcia Foletto / Agência O Globo / 15-04-2025

Márcia Foletto é a fotojornalista por trás da imagem que emocionou a todos nós na véspera da Páscoa, feriado cristão. Uma adolescente de 13 anos tampa os olhos da irmã de 7 anos na passagem de um corpo num saco plástico carregado por policiais com fuzis em punho, num beco da Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana.

O gesto delicado e protetor da irmã, vislumbramos quase na sombra, junto ao muro. A procissão que elas acompanham não é religiosa. Não é a Paixão de Cristo. É a procissão da morte e da violência no Rio de Janeiro, sem data para acontecer. A operação foi convocada para vingar o assassinato de um colega da Core, polícia especial, num assalto de rua. Cinco suspeitos do crime morreram.

Sinto enorme admiração pelos fotojornalistas que driblam o medo para clicar imagens como essa, protegidos – ou não – por coletes à prova de balas. São, na essência, fotógrafos de guerra, como Robert Capa ou como Lee, vivida por Kate Winslet no cinema. São enviados a zonas de conflito em nossa cidade partida. Pelas mulheres, tenho carinho especial. No mundo, 85% dos fotojornalistas são homens. Elas precisam provar muito talento para obter o mesmo reconhecimento.

“A mim”, diz Márcia, “essa desigualdade me dá ainda mais gana”. Fotógrafa gaúcha, no GLOBO há 34 anos, ela participou de coberturas como a chacina da Candelária e o desastre de Brumadinho, e ganhou prêmios nacionais e internacionais.

Na galeria publicada ao fim desta coluna, há imagens suas potentes, entre elas algumas das séries Os Miseráveis e Mutilados.

Márcia é avessa a virar notícia, mas essa imagem no Tabajaras transbordou das redes e mudou o foco do debate. De “operações policiais” para “a vulnerabilidade da infância nas áreas mais pobres do Rio”. Conversei com Márcia sobre o bastidor dessa foto. Segue o depoimento dela.

“Quando a perícia começou, os policiais liberaram um pouco a passagem. Várias crianças voltavam da escola. É impressionante como as crianças convivem com essa realidade diariamente! Fuzis, tiros, drogas, corpos. Uma infância assim é marcada. Não temos a dimensão desse impacto”.

“Logo que o corpo começou a ser retirado, me afastei, fui para o início da viela, para fazer uma foto mais aberta. Quando os policiais apareceram na minha lente, uma adolescente puxou uma menina para o muro. Eu estava com teleobjetiva, um pouco distante, mas percebi que tinha uma foto boa. Os policiais colocaram o corpo no rabeção e saíram da comunidade”.

“No caminho de volta pro jornal, comecei a baixar as fotos para o celular. Só quando ampliei a imagem, percebi que a adolescente tinha colocado a mão nos olhos da menina. Nesses momentos, a gente comemora ter uma boa foto, mas não saímos ilesos. É um peso pro fotógrafo ter capturado e eternizado um momento de dor. Essas imagens nos acompanham e nos marcam, são cicatrizes também pra quem aperta o botão”.

“Em mais de 30 anos fotografando a violência no Rio, muitas vítimas eram crianças e presenciei tudo isso com o meu filho protegido em casa. Uma vez, liguei pra casa no meio de barulho de tiros, para dizer à babá o que colocar na mochila de meu filho para o lanche na escola. Hoje, ele já é médico, e vibra com meu trabalho”.

“Às vezes me pergunto se tenho o direito de fazer esses registros. Não vivo o dia a dia da comunidade, vou apenas em alguns momentos. Percebo que os moradores nos veem como estrangeiros e, muitas vezes, aproveitadores”.

“Mas quero sempre acreditar que o jornalismo tem uma missão. E sem profissionais sérios que possam ver e relatar essa violência, a situação poderia ser ainda pior”.

Bravo, Márcia. ‘Uma imagem vale mais que mil palavras’ é um provérbio atribuído ao chinês Confúcio. A mensagem sobreviveu, de Antes de Cristo aos dias de hoje.

Feliz Páscoa.

Outras fotos de Márcia Foletto:

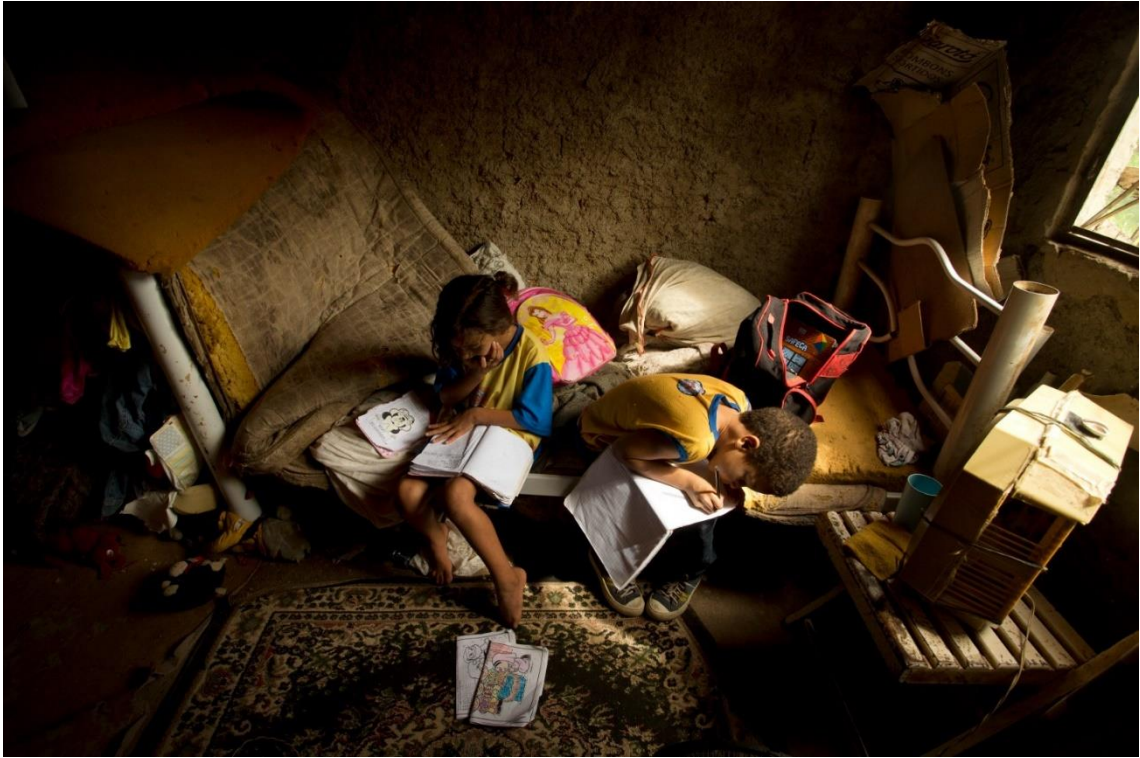




Luiz Rodrigo Costa Santana, morador do Morro do Chapadão, teve a mão amputada aos 6 anos quando pegou uma granada achando que era uma bolinha.



O que restou da lama após o rompimento da barragem no Distrito de Bento Rodrigues em Mariana.



Retrato da extrema pobreza no Rio de Janeiro.



Militares revistam crianças que chegavam da escola no Morro Santa Marta, em Botafogo, em 1994.